

## O ensino da "Catalogação de assunto"

The teaching of «Subject Cataloging»

MARYSIA MALHEIROS FIUZA \*

**Apresenta e analisa o ensino tradicional de catalogação de assunto. Cita vários autores que escreveram sobre o assunto, tentando retratar o estado da arte. Sugere uma disciplina de coroa-mento que habilitaria melhor os alunos para atuarem em diversos tipos de bibliotecas.**

Uma das experiências ao mesmo tempo gratificante e frustrante — se é que se pode conviver com este paradoxo — é a do professor que se dispõe a ensinar «Catalogação de Assunto».

Defino «Catalogação de Assunto» como a disciplina ou conjunto de disciplinas que tratam da representação, nos catálogos de biblioteca, dos assuntos contidos no acervo.

Experiência gratificante, pois se trata de apresentar aos alunos um universo de idéias que lhes possibilitará ajudar os usuários na busca de informação, fornecendo-lhes a chave para os assuntos contidos na coleção.

---

\* Professora Adjunto da Escola de Biblioteconomia da UFMG e Diretora da Biblioteca Central da UFMG.

Experiência frustrante quando se deparam com dificuldades, tais como limitações impostas por programação curricular, falta de integração entre as várias disciplinas que abordam o problema e deficiência de «laboratórios» para prática e observação.

A fragmentação de disciplinas coloca como processos inteiramente diversos a classificação bibliográfica e a determinação de entradas de assunto, seja para o catálogo dicionário ou para o catálogo sistemático.

A indexação é considerada como uma disciplina superior que se preocupa com os sistemas de recuperação de informação, entre os quais se cita **en passant** o pobre catálogo manual.

A classificação torna-se quase um jogo de quebra-cabeças, quando se exploram todos os recursos dos sistemas de classificação e se classifica: «Trabalho noturno de mulheres idosas, no Japão, primavera de 1945». Porém, raramente, se discute para que usar a classificação: «Como esquemas ideais para organizar o conhecimento ou esquemas meramente utilitários para o arranjo de livros nas estantes». DAILY (3).

Parece-me, então, que a maioria dos alunos que se formam nas escolas de biblioteconomia não chega a ter uma idéia clara da estrutura e da operacionalização de catálogos de biblioteca.

As primeiras leis de Ranganathan:

a) Para cada leitor, seu livro

b) Para cada livro, seu leitor

evocam a imagem de um universo de impressos e um universo de leitores e, entre os dois, os bibliotecários procurando procurado «encontros», através da catalogação e de classificação.

HATT (5), em seu livro «The reading process», levanta as seguintes questões:

«Como leitor e texto se juntam?»

«Quais as pistas que levam determinado leitor, com determinadas necessidades de leitura, a encontrar o texto desejado?»

Em meio à euforia da automação, abrindo novos caminhos e apresentando inúmeras possibilidades de uma recuperação de informação rápida e precisa, o catálogo tradicional das bibliotecas passou a ser considerado um anacronismo. Porém, para CHERVENTE (2), «O catálogo de bibliotecas é um instrumento bastante pobre para lidar com conceitos gerais; é, entretanto, quase o único instrumento para localizar um determinado livro, em uma determinada biblioteca».

E o mesmo CHERVENTE (2) chama a atenção para a formação dos recursos humanos com habilidades próprias, que ele chama o **software** para a conversão dos sistemas manuais para automatizados.

Na nossa realidade, parece-me que estas considerações serão ainda, por algum tempo, verdadeiras e se justifica, portanto, que se dedique tempo a estudar a estrutura e o funcionamento dos catálogos de biblioteca.

Seria interessante que se examinasse, em primeiro lugar, a maneira pela qual este estudo vem sendo tradicionalmente realizado.

Depois de labutar quase um semestre letivo com a identificação dos documentos, através de sua descrição física e de sua autoria, lidando e brigando com o famoso «Código de Catalogação» e suas normas sobre autores corporativos, obras anônimas, pontuação, etc., professor e aluno se defrontam com o último item do programa: Catálogo-dicionário — estrutura e funcionamento.

É bem verdade, que na disciplina Indexação, ministrada no mesmo semestre, o aluno já se ocupara de sistemas de recuperação de informação, com a sua terminologia própria, examinando níveis de «revocação» e «precisão» e familiarizando-se com cabeçalhos de assunto e tesouros.

No momento, porém, de se estruturar o catálogo-dicionário, o processo se torna vago e artificial, de vez que não há tempo, nem base teórica suficiente, para se compreender a estrutura e o funcionamento do catálogo. E ainda não foram apresentados, aos alunos, os conceitos básicos da classificação bibliográfica.

O professor, baseado nos objetivos do catálogo expostos por Cutter, ensina que ele é um instrumento que:

- 1) permite que se encontre um documento do qual se conhece:
  - a) o autor
  - b) o título
  - c) o assunto
  
- 2) mostra o que a biblioteca tem:
  - a) de um determinado autor
  - b) de um determinado assunto e assuntos relacionados
  - c) de uma determinada forma literária
  
- 3) ajuda na escolha de um documento:
  - a) conforme sua edição (bibliograficamente)
  - b) conforme seu caráter (literário ou de assunto) ou, mais objetivamente, conforme Shera & Egan:

«A conclusão retirada da experiência e da análise mostra as duas funções básicas do catálogo: 1 — determinação precisa e rápida se um determinado item, conhecido por autor ou título, existe na coleção e onde pode ser encontrado; 2 — que materiais existem na biblioteca de determinado assunto e onde podem ser encontrados».

Então, os alunos aprendem que um documento deve ser representado no catálogo tantas vezes quantas forem necessárias para que se atendam a seus objetivos e funções. Aprendem, também, as regras de alfabetização, as entradas secundárias e as vantagens e desvantagens do catálogo dicionário, propriamente dito, e do catálogo dividido.

Na etapa seguinte, aluno e professor iniciam a jornada no terreno da classificação bibliográfica, discutindo-se a análise de assunto (classes, facetas e ordem de citação). Estudam-se os sistemas gerais mais usados no Brasil, a CDD e a CDU, esmiuçando-se seus recursos e regras para formação da notação.

Chega, então, a hora do catálogo classificado ou sistemático e sua parte mais importante, o índice. É a vez e a hora de se introduzir o índice em cadeia (tão injustamente difamado) com seus elos falsos e termos não procurados.

Depois de todos os estudos, de muitas horas de exercício, classificando títulos de livros e frases representando assuntos, poucas horas de prática efetiva com documentos reais e, na maioria dos casos, com pouquíssima ou nenhuma experiência de estágios em departamentos de processamento técnico de bibliotecas, o aluno está formado em catalogação e classificação.

Porém, quando ele é posto numa situação real de organizar uma coleção de documentos, toda a bagagem

de conhecimentos adquiridos se atropela e ele fica semelhante ao homem, que desmontando seu relógio, se vê com dezenas de rodinhas e engrenagens na mão e não sabe onde colocá-las para fazer o relógio funcionar.

Em nenhum momento discuto a importância das disciplinas ensinadas, o zelo e a dedicação dos professores em ministrá-las e o interesse e afinco dos alunos em estudá-las, mas sim, defendo uma nova postura em relação ao conjunto de disciplinas que se englobam na denominação «catalogação de assunto».

No novo currículo que se inicia na Escola de Biblioteconomia da UFMG, parece-me que há um movimento no sentido de se racionalizar o estudo da catalogação e classificação. Introduziu-se a disciplina Teoria da Classificação onde se pretende estudar mais profundamente a classificação bibliográfica, outros sistemas de classificação e a classificação em facetas.

Espera-se que esta disciplina estimule o pensamento criativo dos alunos, ao mesmo tempo que lhes apresente às inumeráveis possibilidades de se aplicar o raciocínio classificatório.

SCHERRER (9) definiu como atributos básicos do catálogo de assunto:

- 1) O Catálogo é uma máquina de comunicação que dá informação. É um «servomecanismo» que se dirige, que recebe instruções, para o qual se criam mecanismos de correlação, através das referências e remissivas. Desde que o meio de comunicação é o de palavras e conceitos, o método deve ser o da lógica. O que se precisa, então, é estudar a natureza intrínseca dos assuntos e suas relações, definindo-as para descobrir meios mais efetivos para comunicá-las.

- 2) O Catálogo de assunto é um guia para as áreas de assunto onde os materiais estão listados — não um índice para o conteúdo dos livros. É uma parte do sistema bibliográfico de comunicação que inclui bibliografias, índices gerais e índices de livros. O catálogo é a estação central dirigindo o leitor à cobertura bibliográfica total da biblioteca.

MALINCONICO (8) faz uma pergunta: «O que o catálogo **deve** responder?» E responde: O catálogo é o instrumento principal para que os usuários de uma biblioteca possam utilizar os recursos acumulados em seu benefício. É instrumento que recebeu uma missão ambiciosa: tornar previsível o imprevisível e fazê-lo eficientemente. O catálogo deve ser a memória completa e perfeita de tudo que foi adquirido por uma determinada biblioteca. Entretanto, para que essa memória seja útil é necessário — pelo menos nas formas tradicionais e estáticas dos catálogos — antecipar as buscas que possam ser feitas ou se não se conseguir isto, fornecer instruções explícitas ou implícitas suficientes para que os usuários possam reformular suas questões numa forma em que se possa encontrar uma resposta.

HICKEY (6) considera que o dilema dos catálogos de assunto deriva da dicotomia de objetivos na análise de assunto de qualquer documento: 1) identificar seu conteúdo de maneira que possa ser recuperado de acordo com seus aspectos particulares; 2) identificar seu conteúdo de maneira que possa ser relacionado com outros materiais e recuperado em conjunto com eles.

«O emprego de cabeçalhos de assunto serve o primeiro objetivo, enquanto que o trabalho de classificação serve o segundo. Porém, uma análise do trabalho efetuado nas bibliotecas revela a falácia desta supersimplificação: as listas de cabeçalhos de assunto incluem instrumentos de «separação» e «agrupamento», isto é, cabeçalhos específicos que podem ser aplicados a poucos materiais e cabeçalhos gerais que visam criar grandes grupos de materiais relacionados. Similarmente, a classificação pode ser usada para delinear as características exclusivas dos materiais ou ajuntar quantidades de materiais numa seqüência não diferenciada».

HATT (5) faz uma análise não ortodoxa, porém, bastante interessante dos processos de catalogação e classificação quando lança a pergunta: «Como o texto e o leitor se encontram? Para encontrar o texto, o leitor deve:

- a) saber de sua existência
- b) ter alguma pista de sua relevância para suas necessidades
- c) ter acesso a ele.

Em alguns casos, o leitor sabe da existência e relevância do texto antes de ter acesso a ele; em outros casos, ele procura um documento que satisfaça suas necessidades e só saberá de sua existência e relevância quando o tiver em mãos.

O processo de encontrar textos e compará-los com suas necessidades é descrito pelos bibliotecários como «recuperação». HATT (5) não concorda com essa terminologia pois considera que «recuperação



é achar **novamente** uma coisa que já se conhecia antes. É possível que muitas das dificuldades encontradas pelos usuários do catálogo se devem ao fato de que estão tentando **encontrar** textos, através de um instrumento criado para **re-encontrar**. Quando o bibliotecário classifica, ele assinala para o texto um lugar em um campo do conhecimento estático e estruturado sobre o qual ele tem uma visão de deus. Um leitor procurando o mesmo texto está numa posição diferente, pois ele pode não ter uma visão clara e estruturada do campo de conhecimento e de suas categorias».

Todas estas considerações ressaltam as dificuldades que o bibliotecário encontra na feitura e na manutenção de catálogo e que devem ser levadas em conta no ensino biblioteconômico.

Chegar a nível de programas, ou mesmo de ementas, foge ao escopo deste artigo, porém, poder-se-iam discutir alguns pontos que deveriam ser incluídos nos currículos, com vistas à formação dos alunos, no tocante à produção de catálogos de bibliotecas.

Além dos tópicos que, normalmente, constam dos currículos de biblioteconomia e sobre os quais já falamos, seria necessário que se criasse uma disciplina de coroa-mento, que, partindo de uma recapitulação das funções e objetivos do catálogo, abordasse tópicos, como, por exemplo, os seguintes:

- 1) Problemas de representação de autoria e suas soluções — exame das regras do Código de Catalogação, à luz do estudo das condições e dos casos levantados por Lubetszky, tentando racionalizar os procedimentos e adaptar as normas estudadas a diferentes situações e coleções.

- 2) Identificação de cada documento da coleção-re-estudo das normas de catalogação descritiva, salientando-se as opções de níveis de catalogação mais ou menos detalhados, com ênfase nas notas especiais. Discussão sobre elementos do número de chamada e uso dos recursos, quando necessário, para identificação de cada livro da coleção.
- 3) Análise de assunto dos documentos e as maneiras de representá-la no catálogo.

De acordo com IMMROTH (7), o processo de catalogação por assunto compreende a classificação dos documentos segundo um sistema próprio e a determinação dos cabeçalhos de assunto segundo uma dada lista de autoridade. Inerente ao uso desses sistemas e dessas listas está a linguagem usada em descritores ou cabeçalhos de assunto, em ordem classificada ou alfabética. São três vocabulários: do esquema de classificação, do índice do esquema e da lista de cabeçalho de assunto».

Com base em pronunciamentos, como o de IMMROTH, poder-se-ia discutir sobre o processo intelectual de classificar e de determinar cabeçalhos de assunto e poder-se-iam levantar questões, tais como: a) qual o relacionamento entre uma lista de cabeçalho de assunto e o índice relativo de um sistema de classificação? b) na prática vigente, raciocina-se da mesma forma para determinar o símbolo de classificação e o cabeçalho de assunto para um documento, ou a sujeição a sistemas de classificação pré-coordenados e a listas de cabeçalhos de assunto ofusca o raciocínio lógico? ou a fragmentação do ensino leva a considerar o processo de classificar e o processo de determinar cabeçalho de assunto como coisas em compartimentos estanques? c) quais as características dos sistemas

de classificação mais usados, CDD e CDU, nos levariam a escolher uma ou outra, na organização de determinada biblioteca? d) como avaliar a adequação de uma lista de cabeçalho de assunto para uma determinada coleção? e) para que se usa a classificação: para colocar livros nas estantes ou para organizar o conhecimento contido nesses livros?

- 4) Estrutura dos diferentes tipos de catálogos para que possam atender às suas funções.

HICKEY considera que: «Cresce a demanda por uma estrutura dupla de controle de assunto em bibliotecas: 1) nível de arranjo para estantes e rápida identificação de grandes áreas de assunto para **browsing**, 2) nível de notação para uma estrutura bibliográfica detalhada de assunto para ser recuperada manualmente ou por técnicas computarizadas. A relação entre bibliografias gerais de assunto e arranjo nas estantes precisa ser estabelecida claramente.

É necessário que se faça um estudo comparativo entre o catálogo dicionário e o catálogo classificado, analisando suas estruturas, para verificar como respondem à demanda apresentada por Hickey.

Seria, também, interessante discutir sobre as características do arranjo alfabético e do arranjo classificado e seus reflexos nas estratégias de busca.

Outras questões a discutir: a) o uso de remissivas e referências no catálogo dicionário. Como e quando se deve usar a cadeia sindética, proposta por Cutter? b) Qual o relacionamento entre as entradas de um índice em cadeia e as fichas-guia do catálogo sistemático? c) Distinção entre nível de detalhamento no número de classificação para o número de chamada e para entradas no catálogo sistemático.

Estas e muitas outras questões deveriam ser discutidas, para que os alunos, raciocinando sobre o conhecimento adquirido nas disciplinas anteriores da área, tivessem uma visão mais clara do que seria organizar um catálogo de biblioteca e soubessem extrair dessa massa de informação diretivas apropriadas para cada caso específico.

HARRIS (4) apresenta uma versão pouco animadora do «estado da arte»: o catálogo de assunto serve a uma variedade de objetivos, inadequadamente definidos e algumas vezes conflitantes. Tenta-se fazer como que o catálogo sirva aos objetivos conflitantes de busca genérica e referência específica, mesmo que a necessidade do primeiro ainda não tenha sido adequadamente demonstrada. Há dois princípios básicos para a determinação de cabeçalhos de assunto: entrada direta e específica e uso. Estes princípios entram algumas vezes em conflito e não se segue consistentemente nenhum deles. Além destes princípios há uma extensa área, para a qual eles oferecem pouca ou nenhuma direção e na qual a prática é bastante inconsistente».

Considero, porém, que, se houver empenho, criatividade, bom senso e uma sólida teoria e compreensão das necessidades dos usuários, pode-se melhorar muito o estado da arte da catalogação de assunto.

E, para terminar, em tom mais esperançoso e otimista, transcrevo as palavras de Mário de Andrade (1):

«Isso é a grandeza admirável da biblioteconomia! Ela torna perfeitamente acháveis os livros como os seres e limpa a escolha dos estudiosos de toda suja confusão. Este o seu mérito grave e primeiro. Fichando o livro, isto é, escolhendo em seu mistério confuso uma verdade, pouco importa qual, que o define, a biblioteconomia torna a verdade utilizável, quero dizer: não o objetivo definitivo do conhecimento, pois que houve arbitrariedade, mas

um valor humano, fecundo e caridoso de contemplação. E pelo próprio hábito de fichar, de examinar o livro em todos os seus aspectos e desdobrá-lo em todas as suas ofertas, a biblioteconomia **rallenta** os seres e acode aos perigos do tempo, tornando para nós completo o livro, derrubando os quépis e escovando as becas».

**It presents and analyses the traditional teaching of subject catalog. It cites divers authors who wrote about it, trying to show the state of the art. It suggests a comprehensive discipline that would qualify better the students for the work in various types of libraries.**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Mário de. **Os filhos da Candinha**. São Paulo, Martins, 1943. p. 182-3.
2. CHERVENIE, P. Library catalogs in American academic libraries. **Drexel Lib. Quart.** 7 (1): 57-64, Jan. 1971.
3. DAILY, J. E. Subject headings and the theory of classification. **American Doc.** 8: 269-74, Oct. 1957.
4. HARRIS, J. L. **Subject analysis: computer implications of rigorous definition**. Metuchen, N. J., Scarecrow, 1970.
5. HATT, F. **The readings process: a framework for analysis and description**. London, Clive Bingley, 1976.
6. HICKEY, D. J. Subject analysis: an interpretative survey. **Lib. trends**, Champaign, Ill. 25: 273-91, July, 1976.
7. IMMROTH, J. P. **Analysis of vocabulary control in L. C. Classification and Subject Headings**. Littleton, Lib. Unlimited, 1971.
8. MALINCONICO, S. M. Catalogs & cataloging: innocent pleasures and induring controversies. **Lib. Journal** 109 (11): 1210-4, June, 15, 1984.
9. SCHERRER, G. The subject catalog examined. **Library Quart.** 27 (3): 187-201, Jan. 1957.